

### **Eixo Temático**

4. Educação no Campo, Formação e Trabalho Docente

### **Título**

## **UMA UTOPIA POSSÍVEL OU PERSPECTIVAS DE SONHOS REAIS**

### **Autor(es)**

Flávio Sídney Pires Borges  
João Batista Santiago Ramos  
Raiane Kelem Capristano De Paiva

### **Instituição**

Universidade Federal do Pará

### **E-mail**

[fspiresborges@yahoo.com.br](mailto:fspiresborges@yahoo.com.br)

[raikelem@hotmail.com](mailto:raikelem@hotmail.com)

[Pará/jsramos50@hotmail.com](mailto:Pará/jsramos50@hotmail.com)

### **Palavras-chave**

Utopia; Educação do Campo.

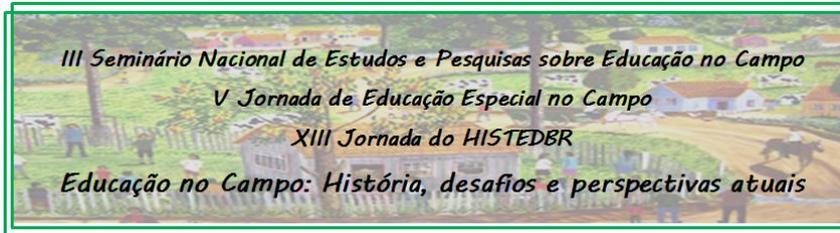
### **Resumo**

O presente trabalho buscou apresentar as características elementares do complexo termo utopia e a sua relação com a educação do campo. Neste sentido, no âmbito socioambiental, ao envolver a degradação ambiental, as contradições entre a agricultura familiar, o agronegócio e uma educação do campo a partir de Paulo Freire nos faz mover-se por entre a utopia e o projeto. Desse modo, perspectivamos a utopia como movente e criadora de um mundo mais justo, em que todos possam sonhar, lutar, ter a esperança e acreditar na concretização real de seus anseios. É o que se aspira na realidade brasileira, são melhoras educacionais e a implantação de projetos que determinem melhores qualidades de vida para os indivíduos do campo e não o crescimento apenas econômico. A educação do campo, aqui, se configura superadora das desigualdades sociais e a abertura para uma utopia do humano.

### **Texto Completo**

Vivemos em um país historicamente agrícola, com uma política agrícola subordinada a dominação urbano-centrista, paradoxalmente, o Brasil não reconheceu as

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



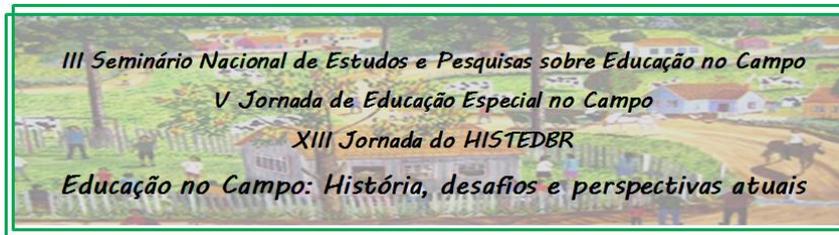
especificidades singulares dos campos, colocamos no plural com ênfase para expor de forma clara, a imensa diversidade cultural que todo o país e o continente possuem, mas em alguns livros de história brasileira relatam que no Brasil colônia, havia aproximadamente 200.000 etnias indígenas, cada uma com sua especificidade e cultura própria, partes dessas sociedades foram apagadas da história, sendo uns dos fatores o extermínio e o domínio pela cultura dominante que se infiltrou e a absorveu; como um padrão, isso nós lembra outras culturas clássicas que depois de seu apogeu entraram em decadência, podemos lembrar a mesopotâmia, o império persa, os romanos, os egípcios, os gregos, como um padrão, isso nos indica que a atual sociedade pode entrar em crise por muitos fatores. Sendo que um deles seria o desequilíbrio ecológico planetário. Como diz Ramos,

A vida humana é vida cultural simbólica. O ser humano vive em culturas e se lhe arrancam um pedaço de si, morre parte fundamental de sua própria vida. O processo de globalização, diga-se, não extingue somente as espécies, os insetos animais e culturas. Assim a extinção da cultura é extinção de vida e, para além das mazelas (2012:216).

Deste modo, o pensamento consumista do centro urbano que já influenciou e induziu o próprio campo, através de mecanismos propagandistas de dominação da elite mundial, estes já chegaram ao campo primeiro do que a educação do campo, é por isso, queremos uma revolução de pensamento, queremos despertar para uma utopia do campo, uma educação que venha equilibrar os atrasos políticos, históricos e de direitos. Para Ramos, “o nascimento da consciência crítica da vítima é a denúncia de que o sistema deixa à margem, como a negação, muitos rostos, que à beira da morte clamam pela vida” (2012:222).

Contudo, a partir do crescimento populacional, no decorrer da história das ocupações nas áreas brasileiras, o índice de produtividade da terra aumentou com as técnicas de cultivos para as produções de alimentos não apenas para o consumo pessoal, como também para as vendas, é com desenvolvimento das ciências e da filosofia este foi o momento que os indivíduos começam a pensar, a se perceber no mundo como seres autocríticos capazes de impor novas condições de reflexões para o novo sistema capitalista, e esta mudança faz com que aconteçam as transformações e as devastações

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



ambientais, em meio a um forte desenvolvimento da indústria e do comércio. Segundo Ramos:

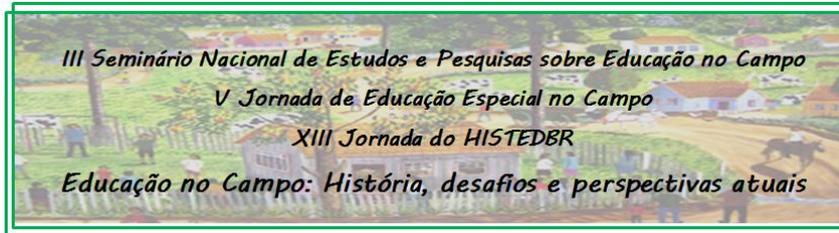
A ciência ganha terreno e levanta a bandeira da certeza científica; por sua vez, a filosofia dúvida da abstração pura, ao se debruça sobre a vida humana. No entanto, permanecendo presa numa metafísica que termina por negar o quanto mudou o mundo, e parecendo não querer compreender que as relações travadas já não podem ser as mesmas, o pensar divagar com base numa razão absoluta, solitária. Ao mesmo tempo, o sujeito percebe-se criador da sua liberdade e doador da sua individualidade nascente, que, imbricada com o sistema capitalista, impõem novas condições de reflexão (2012: 177).

É nesta circunstância, que a floresta Amazônica, com suas ricas biodiversidades, uma das maiores do mundo, está sendo derrubada para ceder espaços as lavouras, as criações de animais de espécie diversificadas e a agricultura. Assim como o centro urbano com suas mazelas, dando ênfase à poluição do ar por produtos de combustão e combustíveis fósseis, contaminando as águas dos rios e as águas subterrâneas, com resíduos químicos, de esgotos industriais ou domésticos, como a poluição do solo causado por lixo indústrias, a poluição sonora com ruídos de máquinas, que é agravado com a popularização do auto falante, excesso de transportes automotores, poluição visual com as propagandas sem controle, mal fiscalizado pelos órgãos que devem ser mais proativo a tal situação problemática de fábricas, edifícios etc. Com o poder de ocasionar impactos negativos na natureza. Para Ramos:

A grande preocupação com o destino de homens e mulheres, com o destino da natureza vegetal e animal permeia por todos os âmbitos da sociedade. O perigo não reside somente no discurso, mas é evidenciado através do desequilíbrio real e concreto que apresenta a própria a natureza (2012:180).

Deste modo, a sociedade capitalista está focada apenas no crescimento econômico, a produção e ao lucro. Sem se importar com o meio onde vive. Com isto, aumentam-se a degradações ambientais dos ecossistemas brasileiros que necessitam de equilíbrios, estabilidades e auxílios de práticas menos agressivas na natureza, e a busca por demandas políticas de hoje nas áreas ecologicamente preservadas, para contribuir com a preservação e a melhora da qualidade de vida das regiões receptoras.

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



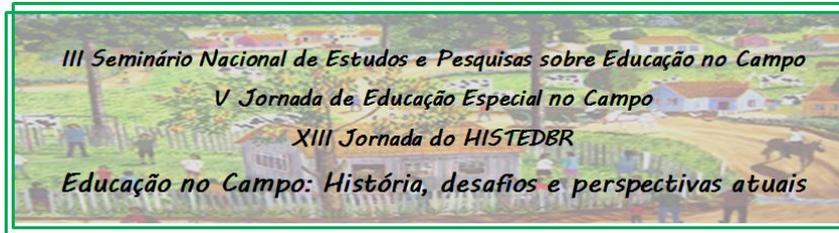
Neste sentido, para diminuir a tendência do homem do campo da dependência do capital urbano, e assim, nos possibilitar o pensar no campo como um lugar de identidade cultural, vivências e a lutar por diversidades. Assim como, a economia para ser fortificada necessita da junção tanto do campo, como da cidade e que os dois podem se completar para o melhor desenvolvimento econômico do país, sem que aconteça a devastação ambiental, as mortes, a fome, a miséria. De acordo com Ramos,

Por isso, é que a transformação social não é possível sem a transformação do imaginário social, em que mobilizar, em que mobilizando e movido pelos sonhos, os sujeitos se colocam em movimento com o intuito de tornar real o que deseja, projetado como ideal e possível (2012:182).

A partir disso, a indústria, o comércio, população e a educação, devem refletir sobre a necessidade da implantação da sustentabilidade no campo, para proteger o meio ambiente. Levando-os a não pensar apenas na produção e no lucro. Essa seria uma das propostas governamentais elaboradas por um modelo de desenvolvimento sustentável. Em que todos façam parte e lutem pela conscientização e a reeducação ambiental dos indivíduos.

Mas, com agricultura familiar, conhecida como agricultura de subsistência ou monocultura que está voltada para os cultivos da terra ministrada por pequenos grupos de proprietários rurais, com as mãos de obras essencialmente familiar. É tem como destaque os processos de produções primárias, com instrumentos de trabalhos tradicionais e a transformações de produtos, que movimentam a economia local, gerando empregos a uma população descapitalizada e provocando a inclusão social e o respeito as diversidades culturais. E as práticas técnicas econômicas utilizadas estão totalmente lentas, pois, prevê a finalidade sistêmica da exploração das produções essenciais para a sobrevivência dos indivíduos. Para Kolling, Néry e Molina,

Os trabalhadores com terra, pequenos agricultores, também retomaram suas lutas, percebendo a necessidade de resistir na terra para sobreviver à política agrícola das últimas décadas. A agricultura familiar foi marginalizada pelo governo, na medida em que este priorizou a agricultura capitalista (patronal) baseada na monocultura exportadora. A luta dos pequenos agricultores não passa mais tanto pela busca de melhores preços, mas de crédito diferenciado para



investimento e custeio, pela assistência técnica direcionada para tecnologias alternativas e para agroecologia e pela constituição de empreendimentos cooperados visando avançar nos demais estágios da cadeia produtiva (1999:21).

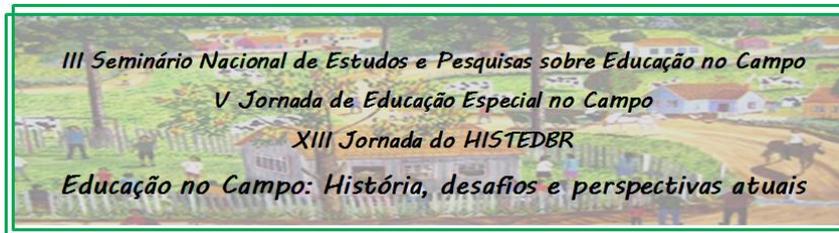
Desta forma, o agronegócio entra em contradição com a agricultura familiar, ao envolver os cultivos da terra realizados por grandes fazendeiros, com mãos de obras contratadas, fixas ou temporárias. Destaca-se com os processos de produções de grande porte, com os instrumentos de trabalhos tecnológicos que beneficiam o crescimento da economia para a exportação e a importação de produtos agrícolas, agropecuários e os pecuários. Com isso, gerando poucos empregos, e muitos desempregos a uma boa quantidade da população, levando muitos agricultores familiares a falência.

Com tudo, as práticas técnicas utilizadas no agronegócio estão sendo destinadas para o aumento (da sua riqueza pessoal) acelerado da economia, sem prevêê as devastações ambientais, regras e respeito pela natureza. Com o interesse dos grandes agricultores (agronegócio), destinados apenas aos lucros. E a mídia esconde da população brasileira, a realidade medíocre da exploração do campo, com falsas propagandas, em relação a um agronegócio bonzinho. Nunca esclarecendo o que vem por trás dele, as destruições do meio ambiente, mortes, fomes, misérias e os desesperos dos indivíduos. Sendo assim,

A Educação do Campo é incompatível com o modelo de agricultura capitalista que combina hoje no Brasil latifúndio e agronegócio, exatamente porque eles representam a exclusão da maioria e a morte dos camponeses. Educação do Campo combina com Reforma Agrária, com agricultura camponesa, com agroecologia popular. E é este, pois, o debate político que nos interessa fazer: como combater o latifúndio e a agricultura centrada no negócio; e como fortalecer um modelo popular de agricultura, identificando as características da produção camponesa que devem ser preservadas, e também as que devem ser transformadas na perspectiva de outro projeto de desenvolvimento. (MOLINA & AZEVEDO DE JESUS, 2004:15).

Através disso, percebemos a necessidade de políticas públicas Institucionalizadas no campo, para possibilita, aos sujeitos a lutar por melhores qualidades de vida, trabalho, estudo. E as ações e projetos do governo, que desenvolva

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



uma agricultura familiar de qualidade, com a contribuição do desenvolvimento socioambiental e educacional do campo.

Desta forma, cabe aos educadores do campo, a necessidade de implicar, inovar, aprimorar, aperfeiçoar e ampliar os desafios do processo de ensino, criando a oportunidade de formular vínculos entre as escolas de assentamentos e as famílias camponesas, com os desenvolvimentos de novas práticas pedagógicas, no diálogo, no processo de aprendizagem. Cabe destacar, que Molina e Azevedo de Jesus sustentam que:

Nossa proposta é pensar a Educação do Campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações. Isto quer dizer que se trata de pensar a educação (política e pedagogia) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a educação (que é um processo universal) desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo históricos (2004:12).

Entendemos que educação é um direito comum a todas as pessoas, seja do campo, cidade, independente de credo, raça, ou nível social, pois o jovem precisa aprender para produzir sua própria subsistência, o idoso também precisa aprender para ter uma melhor qualidade de vida, e todo esse processo deve ser articulado com o maior número possível de instituições, sejam elas, municipais, estaduais, federais e sociedade civil, pois não estamos falando somente de direito a educação, mas de direitos gerais. Segundo Kolling, Néry, Molina,

A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo, deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz (1999:15).

Portanto, a educação do campo é uma compensação que foi negada ao campo ao longo da história do Brasil, o modelo que ai estar, se baseia em um modelo mercadológico de montagem fordista; e para o nosso próprio fortune, esse mesmo

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



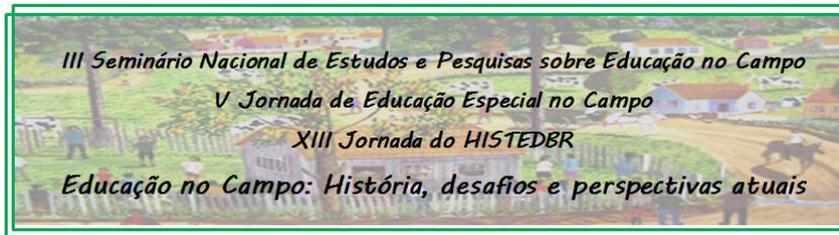
mercado não pode empregar todas as pessoas, pois se isso ocorresse, a degradação ocorreria em maior velocidade, sendo que ela (mercado) está limitado a certo número de consumidores, pois não podemos vender para os extraterrestres por que isso não existe, sem contar que este modelo fordista se fecha em sua própria filosofia, por achar que diminuindo o número de trabalhadores, e investindo em máquinas, para o aumento da produção e do lucro, não sofrerão as anomalias do próprio processo histórico de transformação que é natural a todas as épocas.

Conforme Saviani (2014), “A pedagogia histórica crítica na educação do campo”, faz uma comparação notável, quando comenta que o homem é fruto da educação que recebe em sua sociedade, e cita o menino selvagem, que agia como animal porque havia recebido uma educação de sobrevivência silvestre de sua família que eram os lobos com o qual convivia na floresta, e esta comparação coloca que a produção, e a formação do homem, dependem da educação que este adquiriu, em meio aos homens, sociedade e educação; assim, entendemos quanto revolucionário pode vir a ser uma pedagogia da educação do campo, que agregue a coletividade do campo, a diversidade étnica, que visse no agricultor um possível conhecedor no ponto de vista empírico. Segundo Branco,

Todas essas alterações são, assim, decorrentes da introdução, pelo homem, de novas formas de energias nos ecossistemas, na forma de combustíveis que movimentam máquinas, sistemas de irrigação, fertilizantes e defensivos industrializados, et., e essa introdução de energia provoca uma aceleração dos processos de produção orgânica, o que constitui uma característica marcante da ação antrópica. O incremento de energias e de materiais, por sua vez, leva a uma alteração significativa das relações e dos fluxos de informação em todo o sistema (2005:140-141).

Essas rápidas transformações levam a refletir sobre o direcionamento de nossas ações no percurso de para onde estamos indo, e como podemos refletir sobre esses problemas socioambientais em meio a tantas inseguranças; estamos capacitados no que se refere à utopiar uma educação do campo mais humana? Na busca, por mudanças significativas na educação camponesa, que possibilite aos seres humanos o repensar sobre a realidade vivenciada e a lutar por transformação na sociedade em que vive. Para

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Jonas, um dos pioneiros a mostrar-se preocupado com o futuro da humanidade no século XX,

(...) a ética do futuro não designa ética no futuro - uma ética futura concebida hoje para os nossos descendentes futuros, mas uma ética de hoje que se inquieta com o futuro e entende protegê-lo para os nossos descendentes das consequências do nosso agir presente (1998:69).

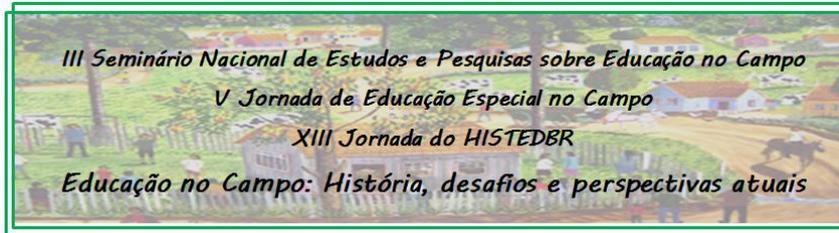
Desta forma, percebe-se com tristeza que o processo de reversão desses acontecimentos catastróficos que são de natureza quase que irrealizável, mas Utopiar é exatamente isso, o desafio de continuar; como no passado houve lutas e reivindicações, para se conquistar direitos e deveres; hoje há muitos desafios, entre eles, está há conscientização social a respeito da importância do campo, e da vida do planeta de forma geral, a curto, médio e longo prazo, não só sobre a educação do campo, mas em toda a sua tendência futurística da existência e sobrevivência humana.

## **Metodologia**

Esta pesquisa surgiu através da importância de uma proposta, por uma educação humanizada e utópica do campo. Através das visitas e as realizações de projetos que visam melhoras na formação dos professores e uma aprendizagem de qualidade nas escolas de rede públicas dos assentamentos localizadas em São Francisco, Igarapé Açu e Castanhal/ PA. Com a criação de novas possibilidades empregadas na ação transformadora e libertadora, nas práticas pedagógicas, de maneiras dialógicas críticas e analíticas, no processo de ensino-aprendizagem. Dando a oportunidade, dos indivíduos se enxergar e se questiona sobre o campo, como um lugar de vivências, com direitos e respeito pelas diversidades.

Contudo, este artigo apresenta-se, de maneira qualitativa, através de experiência como pesquisadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Ao visar à importância de uma educação humanizada do campo, com a criação de novos métodos ou meios a serem utilizados no processo de ensino e aprendizagem, que possibilite os diálogos crítico e reflexivo, entre os educadores e os educandos e os seus familiares. Conforme, Freire “[...] Ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (1996:93).

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



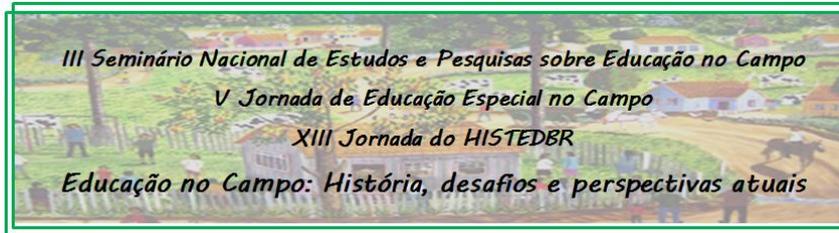
Diante disto, para as análises realizadas nesta pesquisa teremos como embasamentos epistemológicos iniciais, o referencial teórico, os livros discutidos entre os pesquisadores do Sub Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Paralelamente, comungaremos com autores, acerca da Utopia e a educação do campo, tais como: Branco (2005), Freire (1983), (1996), (2005), Houaiss (2001), JONAS (1998), Kolling, Néry e Molina (1999) Lopes e Rosso (2005), Kolling, Cerioli e Caldart, (2002), Molina e Azevedo de Jesus (2004), Ramos, (2012), Saviani (2014).

### **Como se caminhar para uma utopia possível com os ideais campesinos**

*Utopia-ela está no horizonte. Aproximo-me dois passos, ela se distancia dois passos. Caminho dez passos e o horizonte se afastam dez adiante. Por muito que eu caminhe, nunca a alcançarei. Para que serve a utopia? Para isso serve: caminhar.*  
*Eduardo Galeano*

A utopia possui um significado profundo na vida humana, que nos leva a pensar na utilização de ideias, imaginações, fantasias, sonhos e a esperança de lutar por uma sociedade ideal, que pode ser definida por melhores condições existenciais dos indivíduos, ou seja, é típico do homem sempre sonhar com um mundo melhor, que certos problemas podem ser resolvidos, e assim teríamos mais tempo para solucionar outros problemas, como num paradoxo distante, pois o homem busca a melhora até do que estar certo, é claro que não é o caso de nossas realidades, o nosso principal desafio é realmente enfrentar essas problemáticas criadas pela própria sociedade e suas complexidades.

É neste sentido, que o campo tem sido tema de discussão por uma tendência da mídia modista, é o perigo e que essa moda comercial de lucro passa, sem trazer transformações objetivas positivas para o campo, só serve para reforço o mercado do meio ambiente, e beneficiar a grande indústria capitalista verde, mas podemos aproveitar o espaço de discussões que tem surgido com certa timidez e limitação, pois um modelo de um paradigma anterior para se adequar a outro modelo de paradoxo, precisa de certo tempo para se estabilizar; o que nos leva a pensar em muitas outras



discussões que foram anteriormente debatidas ao longo das décadas, com nova visão, lente e referencia, pois se percebe que a sociedade precisa não só do alimento que o homem do campo produz, mas da sobrevivência do próprio campo e a toda biodiversidade que a ela está agregada; tudo isso somado as muitas outras crises mundiais, confirmam a tendência e a necessidade urgente de uma educação do campo utópica feita pelo campo. Paraos autores Kolling, Néry e Molina:

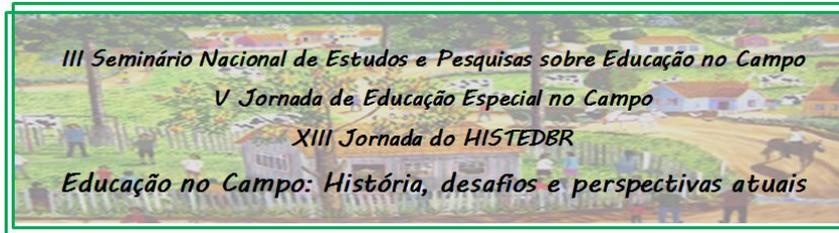
Há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades de considerar a maioria da população que vive no campo como a parte atrasada e fora de lugar no almejado projeto de modernidade (1999:14).

Desse modo, como é utopiaruma educação do campo? Segundo Houaiss, “na tentativa de me exercitar a responder tal pergunta, tento imaginar uma imagem descritiva de uma sociedade ideal campestre, fundamentada em leis justas e instituições políticas verdadeiramente comprometida com o bem estar da coletividade” (2001:2817). Uma imagem bem diferente do que percebemos na realidade.

Para Ramos, “Aqui a luta passa a ser entendida em seu momento a partir da leitura de suas dimensões históricas e sociais” (2012:266). Então, qual a função da utopia no processo de conquistas e realizações? Por enquanto colocaremos como um incentivador a conquistas, pois muitos sonhos de utopistas do passado nos legaram heranças de muitas conquistas e riquezas materiais e imateriais, e no processo histórico natural humano, a conquista de uma geração e herdado pela próxima geração.

Contudo, percebemos que o campo de hoje não é como o campo de ontem, de forma espantosa a modernidade tecnológica influenciou em vários níveis sociais, políticos, culturas e étnicos. Deste modo, eis o cuidado e urgência de uma educação de qualidade no campo. Conforme Ramos:

O presente é como me imagino agora poder-se no futuro, porém esse poder-se no futuro está no presente e me permite fazer o que faço, do mesmo modo que meu passado não é tampouco passado, se não que é o passado retido de perspectivas o futuro e, assim, sou meu passado. Tudo está no presente e é do presente donde se dá as pré-distancias do tempo: o passado, o presente e o futuro estão se dando no presente, porém o futuro é utópico, é o que me imagino poder-se (2012:241).



Por outro lado, vivemos uma realidade social de descaso pela política dominante, uma sociedade vítima da má distribuição de renda, de uma educação abaixo da média e desfocada de um currículo regional, de um modelo industrial empresarial com um programa de saúde precário, etc. É resta a nos sonhadores na educação utópica, entrar no discurso político social prático transformador, para que com o decorrer das décadas, possamos olhar para trás e saber que deixamos algo de bom para as próximas gerações.

### **Considerações Finais**

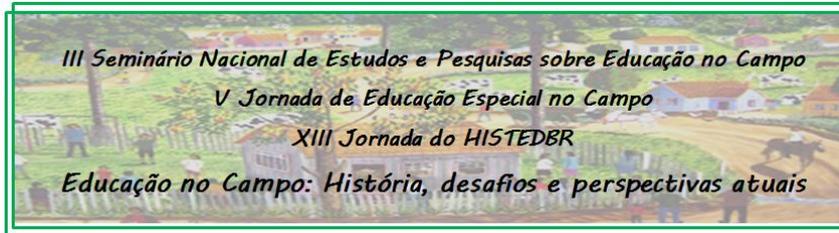
Mediante as circunstâncias complexas que constam ao pensarmos criticamente através de uma utopia possível com um novo caminhar para uma educação esperançosa e libertadora de Paulo Freire no campo, que nos possibilita o refletir sobre a idealização da realidade em meio à degradação ambiental e as desigualdades sociais entre a agricultura familiar e o agronegócio. É o desejo de lutar na esperança, ousadia, coragem e humildade por transformação de uma sociedade ecologicamente sustentável para se viver melhor.

A partir disso, a perspectiva deste trabalho está no despertar das novas gerações, para lutar pelos seus direitos cidadãos de ter uma moradia de qualidade, de melhores condições de trabalhos e estudos aprimorados no campo. Fazendo com que os governantes realizem e desenvolvam projetos para o desenvolvimento sociocultural dos seres humanos. Para Ramos,

É necessário que haja um envolvimento, um esforço, ao denunciar a realidade, pode também mostrar caminhos de transformação, apresentar propostas de superação de uma realidade que não me satisfaz. Assim torna-se evidente o crer, o sonho, a utopia, enquanto projeto que se materializa nas mãos daqueles que fazem a educação um caminho para a concretude de um mundo renovado (2012:268).

Contudo, existe a necessidade de uma humanização plena no campo em que os indivíduos consigam desenvolver suas particularidades através, do ético - político – pedagógicos- libertador para uma educação humanística do campo, através, do diálogo aberto entre os educadores e seus educandos. Levando, em consideração o respeito sem regras a seguir com o próximo e também com o meio em que vive. Segundo Ramos:

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



O homem é coisa. O tempo é coisa. O rosto é coisa. Coisificamos tudo? Não. É necessária a abertura da utopia do homem transformado, do homem capaz de ainda escutar o outro e não apenas ouvi-lo, de aceitar sua interpelação na responsabilidade e sem esperar reciprocidade- o outro como responsável por mim é problema d'Ele (2012:238).

Portanto, acreditamos e lutamos pela criação e a transformação de um novo mundo mais justo, em que todos possam fazer parte. Sem serem oprimidos pelas forças dominantes. Então, o que precisamos na realidade é de melhoras educacionais, socioambientais e não apenas do aumento do econômico.

### Referências

BRANCO, Samuel Murgel, **Meio ambiente & biologia**. 2ª edição, São Paulo: Senac São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra. Ed. 35ª, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra. Ed.43ª, 2005.

FREIRE, Paulo, M. W. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. S/C Ltda, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

JONAS, Hans, **Pour Une Ethique du Futur**, Peru, Rivages Poche, 1998.

KOLLING, Edgar J. NÉRY, Irmão. MOLINA Mônica C. (Organizadores) **Por uma Educação Básica no Campo**. Editora Universidade de Brasília. - Brasília, DF 1999.

LOPES, Sônia. ROSSO, Sergio. **Biologia volume único**. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MOLINA, Mônica Castagna, JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo (organizadoras). **Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo"**. Brasília, DF: 2004.

RAMOS, João Batista Santiago. **Por uma Utopia do Humano. Olhares a partir da ética da libertação de Enrique Dussel**. Edições Afrontamento, Lda, Porto, 2012.

SAVIANI, Dermeval– **A pedagogia histórica crítica na educação do campo**.  
<http://www.youtube.com/watch?v=my6GZYKtIXg>

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**